



**CTCH – Departamento de Educação**

Projeto de pesquisa

**NATURALISMO E CIDADANIA – UM NOVO LUGAR À FREUD**

**Aluno: Felipe Costa Sampaio Octaviano**  
**Orientador: Ralph Ings Bannell**

## **RESUMO**

A direção deste trabalho é pensar se a cidadania pode ser vista de uma maneira natural. Para que isso fosse feito, Freud foi pensado devido a sua vasta teoria do sujeito, pelo fato de ter tido primeiro uma formação médica e a proximidade que sempre manteve com o mundo científico. Subseqüentemente serão abordadas duas questões: Freud é de fato um naturalista? E de que naturalismo estamos falando? E a seguir discutir o conceito de cidadania nesta possível perspectiva.

## INTRODUÇÃO

A psicologia e a psicanálise surgiram pouco depois do estabelecimento dualista metodológico, e em última instância ontológico, entre as ciências naturais e as ciências humanas (ou sociais). Enquanto vertentes<sup>1</sup> da psicologia tomavam suas posições e territórios nesta dicotomia, tenho que concordar com Simanke (2009) de que Freud permaneceu bastante indiferente e nas palavras do autor: “Embora explicitamente alinhado com a perspectiva naturalista, as investigações psicanalíticas freudianas prontamente adentraram o campo das humanidades e se propuseram a elaborar uma teoria social que englobava a arte, a religião, o laço social e a cultura como um todo.” O que faz a discussão epistemológica em Freud ser bastante interessante.

Parece-me que a diferença entre Freud para outros desenvolvedores da psicologia, é que o lugar epistemológico de Freud acabou sendo consequência de seu trabalho, enquanto outros teóricos se situaram em um dos dois níveis de conhecimento antes de começar seus estudos. Freud começou de um lugar lógico de sua vida. Neurologista que era, partiu do campo da ciência e deixou sua teoria se sobrepor ao restrito naturalismo comteano<sup>2</sup>. Então sua teoria deixara o naturalismo para trás, ou um outro tipo de naturalismo apareceria?

A presente etapa deste trabalho é a discussão epistemológica em Freud, e se de fato podemos chamá-lo de naturalista, poder-se-ia tornar possível à busca de fundamentos em nossa espécie que justificasse uma cidadania como consequência natural do desenvolvimento e evolução humana? E como este conhecimento poderia facilitar e otimizar as relações na esfera pública?

## NATURALISMOS, CIENTIFICIDADES e PSICANÁLISE

Uma das dificuldades em se discutir o naturalismo, mesmo se nos restringirmos às suas versões mais recentes em teoria do conhecimento, é a variedade de orientações englobadas sob esta denominação. Talvez a mais comum seja a do século XVIII com o ideal iluminista: reformar a sociedade pela razão, tendo seu auge com um programa naturalista para as ciências sociais. Havia uma invasão das ciências naturais, principalmente da física para as áreas do campo social. É o chamado *naturalismo Comteano* e não é este o que observamos em Freud, porque é uma visão de ciência demasiado estreita. Aqui, abordaremos um *naturalismo qualificado*.

Metodologicamente falando, a diferença entre os dois está na abordagem quantitativa e qualitativa. Ou seja, há um naturalismo que precisa quantificar seu objeto de pesquisa. Como por exemplo nos primórdios da psicologia, Watson e Skinner, grandes representantes do Behaviorismo<sup>3</sup> o faziam medindo tempo de resposta em comportamentos, associando escalas às emoções entre outros. E para clarear a cientificidade da psicanálise, coloco uma resposta de Ferenczi<sup>4</sup> (1932; 349) à Watson quando este lhe pediu uma explicação do que é a psicanálise:

Tive de reconhecer que ela era menos científica do que o behaviorismo se a cientificidade fosse exclusivamente uma questão de pesos e medidas. A fisiologia exige que toda e qualquer mudança seja mensurável por um instrumento. Mas a psicanálise não está em condições de tratar desse modo as emoções<sup>5</sup>; é verdade que tímidas tentativas para atingir esse fim foram efetuadas mas, até o momento, estão longe de ser satisfatórias. Entretanto quando falta uma explicação, não é proibido experimentar outras; Freud propôs precisamente uma. Ele descobriu que, pelo reagrupamento científico dos resultados da introspecção, podíamos chegar a uma nova compreensão, de um modo tão seguro quanto pela exploração dos resultados precisos da percepção externa, no caso da observação e da experimentação. É certo que não se pode medir esses fatos da introspecção, mas nem por isso deixam de ser fatos e como tais temos todo o direito de explorá-los e

<sup>1</sup> por exemplo: Wundt, Skinner e Watson procuravam dar autenticidade à psicologia em meio a pesquisas científicas, e mais tarde a vertente existencial-humanista inspirada em um ser sem essência, feito de suas escolhas, o homem da possibilidade, no “ser aí” de Heidegger

<sup>2</sup> Será explicado no próximo tópico

<sup>3</sup> Vertente que apresenta a psicologia como um ramo exclusivamente objetivo e experimental das ciências naturais, com objeto fundamental de pesquisa o comportamento.

<sup>4</sup> Sándor Ferenczi: Psicanalista Húngaro e grande colaborador de Freud.

<sup>5</sup> *Gemütsbeegungen*: Movimentos da alma

de procurar caminhos com vistas à aquisição de algo novo. Freud, ao considerar o material da introspecção de um novo ponto de vista, postulou um sistema psíquico. Ele comporta por certo, hipóteses, mas também as encontramos nas ciências da natureza. A noção de inconsciente desempenha um grande papel entre essas hipóteses e, graças a elas, chegamos a várias conclusões que as hipóteses da fisiologia e da anatomia do cérebro não permitiam alcançar. Quando os progressos da química e da microscopia tornarem supérfluas as hipóteses de Freud, estaremos dispostos a abandonar nossa pretensão a cientificidade, mas não antes!

Por tanto podemos ter uma noção de que a psicanálise não parece se prender a ciência, mas se utilizar dela. Ferenczi é claro quando retira da psicanálise um peso quantitativo e diz que não é disso que se trata. Coloca a psicanálise acompanhada de uma ciência de maior alcance. Onde não importa o controle dos experimentos e os resultados passíveis de medição, mas a observação dos fenômenos e a comprovação empírica de sua existência, ou melhor da existência de um mecanismo. O que ele quer nos dizer, é que enquanto alguns cientistas como Wundt se utilizam da ciência para restringir, controlar e tornar possíveis seus experimentos, Freud utilizou o raciocínio científico na criação de várias de suas hipóteses, e também para organizar os dados que obtivera em sua prática.

E para clarear a posição de Freud quando levantada a questão do dualismo científico (Ciências naturais (*Naturwissenschaften*) e ciências humanas (*Geisteswissenschaft*)), é preciso trazer Paul-Laurent Assoun (1983:47-48)

Outro aspecto da oposição: as ciências da natureza se atêm aos juízos de realidade, enquanto que as ciências da cultura implicam a valorização. A obstinação de organizar uma região irreduzível a *démarche* naturalista tem por finalidade e por efeito a evidenciação de uma axiologia de certa forma experimental.

Assim, no momento em que a psicanálise freudiana emerge para a cientificidade, deveria ver-se confrontada com a questão imediata de seu lugar num tabuleiro que este longo processo constituiria. A emergência ao saber devia saber responder à interpelação preliminar. Quando Freud intitula a psicanálise de “ciência da natureza”, percebemos que respondia a essa interpelação, na medida em que o “quem sou?” pelo qual um saber anunciava sua identidade, de fato, em condições de responder à questão forjada pela história, lá lembrada por nós: “És ciência da natureza ou ciência do espírito?”

Ora, eis por onde se anuncia a singularidade freudiana: por sua obstinação um pouco teimosa em rotular sua psicanálise de *Naturwissenschaft*, encontra o meio de escamotear a questão, de ignorá-la placidamente. Não escolhe a ciência da natureza contra uma ciência do espírito: quer mostrar praticamente, que a alternativa não existe, na medida em que, em fato de cientificidade, só pode tratar-se de ciência da natureza, Freud, na aparência, *não conhece outra forma de ciência*.

O próprio Freud aí coloca muito bem sua peculiar posição frente ao dualismo científico: Ele simplesmente posiciona a psicanálise numa axiologia de seu juízo de realidade, tendo em vista todas as hipóteses da psique observadas em seus pacientes.

Então que contribuição Freud teria para um Naturalismo qualificado? A introdução do mecanismo psíquico com a presença do inconsciente seria uma delas. Freud através de sua técnica psicanalítica, demonstrou a existência de algo que está em nós, responsável por vários de nossos atos, e que não reconhecemos. A virada de Freud, consiste em um naturalismo inverso ao comteano.

Não é uma reforma pela razão, porém uma reforma para o desconhecido. Ele se preocupou em adicionar grandes variáveis que ficavam debaixo do tapete de nossa piquê. Ele na verdade, apontou para a existência delas. E a partir de seu trabalho com Charcôt e algumas pacientes, O inconsciente nascera pela primeira vez na história como hipótese, podendo ser observado indiretamente através de atos de fala. É importante ressaltar que Freud criticava o inconsciente do ponto de vista da filosofia:

É verdade que a filosofia repetidamente tratou do problema do inconsciente, mas, com poucas exceções, os filósofos assumiram uma ou outra das duas posições seguintes: ou o seu inconsciente foi algo de místico, intangível e indemonstrável, cuja relação com a mente

permaneceu obscura, ou identificaram o mental com o consciente e passaram a deduzir dessa definição que aquilo que é inconsciente não pode ser mental nem assunto da psicologia. Essas opiniões devem ser atribuídas ao fato de os filósofos terem formado seu julgamento sobre o inconsciente sem estarem familiarizados com os fenômenos da atividade mental inconsciente, e assim sem qualquer suspeita de até onde esses fenômenos se assemelham aos conscientes ou em que aspectos deles diferem. Se alguém, tendo esse conhecimento, não obstante se aferrar à convicção que iguala o consciente ao psíquico e, conseqüentemente, nega ao inconsciente o atributo de ser psíquico, nenhuma objeção, naturalmente, pode ser feita, a exceção que essa distinção resulta ser altamente impraticável, pois é fácil descrever o inconsciente e acompanhar seus desenvolvimentos, pelo lado de sua relação com o consciente, com o qual tem tanto em comum. Por outro lado, parece não haver ainda possibilidade de abordá-lo pelo lado dos acontecimentos ou fatos físicos, de maneira que se acha destinado a continuar sendo assunto de estudo psicológico.

Freud (1982, 181) marca aí duas posições comuns dos filósofos: a de colocar o inconsciente no intangível, indemonstrável e numa relação obscura com a consciência, ou de separar o inconsciente da mente ou da psicologia, deixando ele em um lugar que o autor não deixa claro.

Outro apontamento importante que Freud trás é sobre a facilidade de descrição e desenvolvimento do inconsciente quando visto na relação com o consciente, ou seja, observado indiretamente. Freud logo após assume a dificuldade da observação direta. Esta é uma das características fundamentais do inconsciente: Ele só aparece através de atos falhos, lapsos de linguagem e sonhos. Ele está a céu aberto apenas na estrutura psicótica, mas isso não abordaremos aqui.

Hoje, posso dizer que o naturalismo que ignore as idéias de Freud, é um naturalismo que ignora o ser humano em sua totalidade. Então, por que ignoramos durante tanto tempo a imensa colaboração de Freud para a *Démarche* naturalista?

No entanto, essa orientação epistemológica geral não impediu Freud de estender a aplicação dos conceitos psicanalíticos às questões culturais, e sua gama de interesses nesse campo foi sempre bastante abrangente. Isso, no entanto, jamais representou ou pareceu exigir um afastamento de suas posições naturalistas. Freud entendeu a arte como sublimação, um dos destinos possíveis dos impulsos ou instintos; abordou o surgimento da cultura mediante uma elaboração especulativa construída a partir de uma hipótese darwinista sobre a organização social primitiva dos hominídeos; aproximou religião e neurose obsessiva, estendendo à primeira o modelo explicativo da segunda; desenvolveu uma abordagem original da sociabilidade, explicando o laço social como resultado de uma transformação das escolhas libidinais em um sistema complexo de identificações cruzadas dos membros do grupo entre si e com seus líderes; formulou uma teoria social essencialmente antiutópica, justificando o mal-estar irremediável do ser humano na cultura por um ciclo vicioso, no qual a repressão dos instintos sexuais e agressivos produz frustração, que gera mais agressividade e exige mais repressão, e assim por diante. Apesar de um certo risco reducionista, mais ou menos inevitável, que resulta dessa aproximação entre temas biológicos e culturais, as produções de Freud nesse campo sempre foram, em geral, valorizadas, consideradas como originais e próximas dos estilos de teorização encontráveis no campo das humanidades. Contudo, essa mesma avaliação positiva pareceu frequentemente exigir uma desconsideração do contexto naturalista em que elas foram originalmente elaboradas, rebaixado a uma idiossincrasia ou excentricidade pessoal de Freud, um apego sentimental ao ideal epistêmico adquirido na juventude, tornado anacrônico pelo próprio caráter revolucionário e "subversivo" da teoria.

Simanke (2009:226) usou boas palavras para introduzir o tópico a seguir e chamar atenção para a o por quê de negligenciarem a teoria Freudiana para as ciências naturalistas. Definitivamente uma das causas que dificultam esta abertura é a importância que Freud dá ao sexual, e a dificuldade que a sociedade científica possui em discutir esse significante, bem como a sociedade leiga em entender melhor e dizer mais sobre essa energia.

A seguir foram tratados alguns dos principais conceitos de Freud para que se possa entender

essa posição e a aplicabilidade para a cidadania.

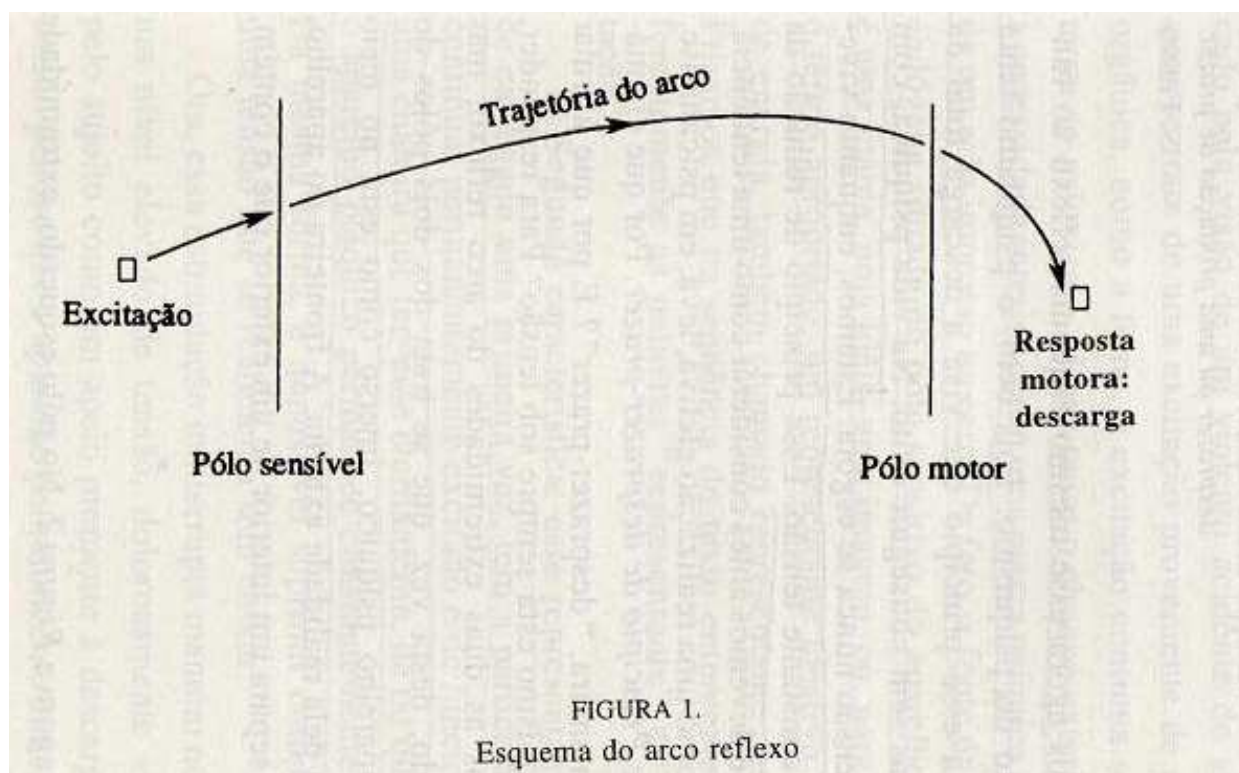
## TEORIAS EM DESTAQUE DE FREUD

Freud ocupava-se com o amor e ódio, com o desejo e a lei, sofrimentos e prazeres, atos de fala sonhos e fantasia. Freud ocupou-se de coisas eternamente atuais, e teve como seu campo de experiência um espaço entre o analista e o analisando, porém construído a partir de um caminho médico.

O que de mais importante que Freud pode nos ensinar, é que para apreender as causas secretas que movem um ser, que move a esse outro que escutamos, é preciso primeiro e acima de tudo, descobrir essas causas em si mesmo. Voltar a si e sempre em contato com o outro que está diante de nós.

Esta parte da pesquisa destina-se a uma explanação do que julgo serem as idéias mais centrais na obra de Freud. Estas que ecoam para identificação<sup>6</sup> de um sujeito. Freud, a partir de suas observações, começa a propor modelos de relações da psiquê e do sujeito com o mundo, como: Inconsciente, Consciente e pré-consciente, sua interpretação dos sonhos, o eu, super eu e isso, o complexo de Édipo o Narcisismo... Estes citados, serão aqui explicados, a fim de entendermos melhor este naturalismo de Freud, e aplicações de sua teoria do sujeito a cidadania.

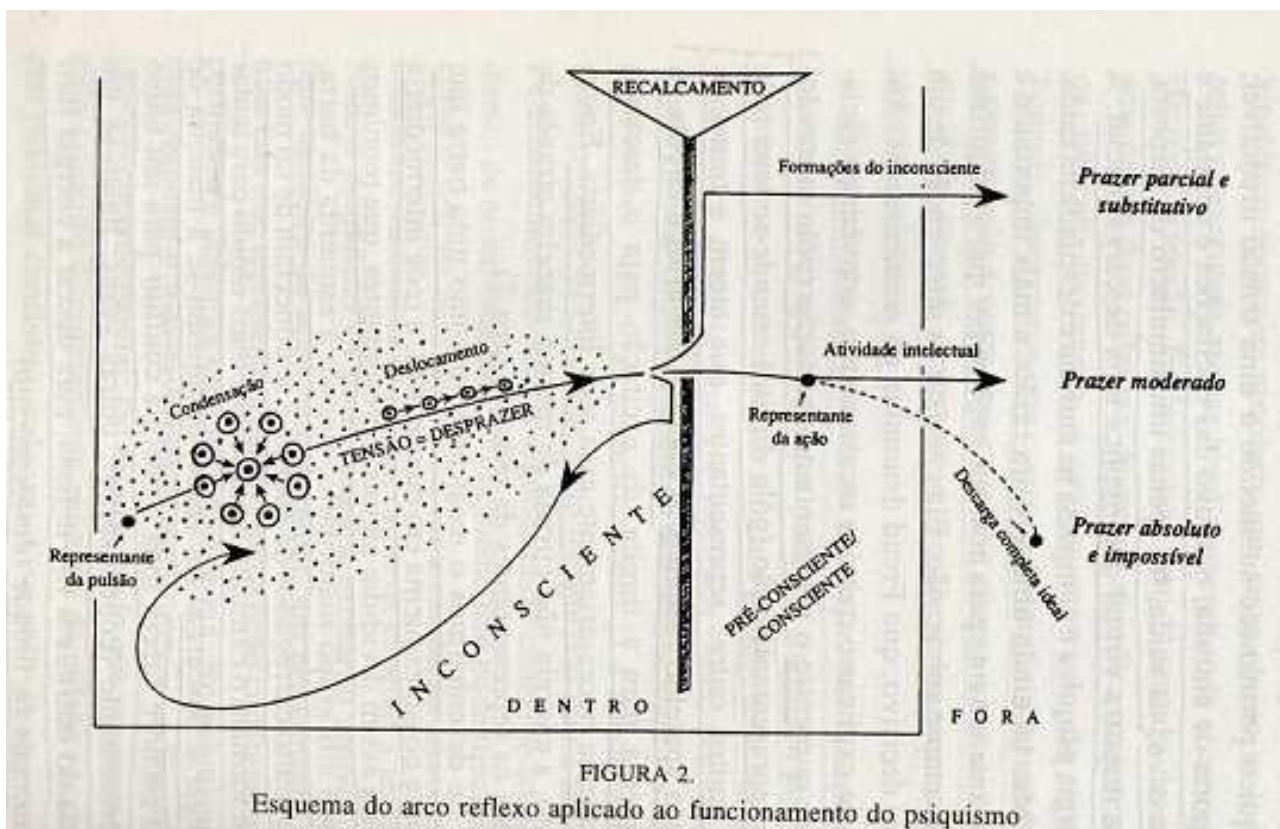
## MODELO DE PSIQUISMO



<sup>6</sup> Segundo Roudinesco, identificação é um “Termo empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando em momentos chave de sua evolução dos aspectos, atributos, ou traços dos seres humanos que os cercam.”

Freud busca o esquema do arco reflexo<sup>7</sup> para ser aplicado ao psiquismo. Este esquema possui duas extremidades: uma sensível e outra motora. A primeira é onde há uma excitação, uma entrada de certa quantidade de energia e a percepção desta alteração. A outra é quando o sujeito responde imediatamente a esta energia, liberando-a em forma de ato. O exemplo de arco reflexo mais conhecido é o do martelinho no joelho.

É importante ressaltar que entre as duas extremidades, instala-se uma tensão criada com a excitação e extinguida com a resposta motora. Este trajeto então compreende a seguinte sequência: recepção de energia e sua transformação em ação, extinguindo assim a tensão existente.



A diferença do psiquismo para esse arco estrito, é que o psiquismo tenta sem sucesso a descarga total da tensão. Esta tendência é chamada por Freud de: Princípio de desprazer-prazer. Onde desprazer significa manutenção ou aumento da tensão, e prazer supressão da tensão.

Destaco ainda que a forma de reação do psiquismo a esta variância de energia é por uma metáfora da ação. Ou seja, uma fala, um pensamento ou uma imagem que represente uma ação. E entre os dois pólos, ainda está uma série de representantes que montam o funcionamento do aparelho psíquico. Segundo Násio(1999;25):

A energia que aflui e circula da esquerda pra direita, da excitação para a descarga, atravessa necessariamente essa rede intermediária. Entretanto, a energia não circula da mesma maneira através de todos os representantes da rede.

Se desenhamos o recalçamento como uma barra que separa nosso esquema em duas partes, a rede

<sup>7</sup> um modelo utilizado pela neurofisiologia do século XIX que explica o influxo nervoso e hoje ainda é um paradigma fundamental na neurologia.

intermediária ficará assim dividida: Alguns representantes, que reunimos com um grupo majoritário, situado à esquerda da barra, são muito carregados de energia e se conectam de tal modo que formam o caminho mais curto e mais rápido para tentar chegar à descarga. Às vezes, organizam-se à maneira de um cacho e fazem toda a energia confluir para um único representante (condensação); outras vezes, ligam-se um atrás do outro, em fila indiana, para deixar a energia fluir com mais facilidade. (deslocamento).

Ainda há um segundo grupo minoritário de representantes situado ao lado direito da barra do recalque ( esta “separa” o inconsciente do pré-consciente e consciente. Não se faz necessário explicar seu funcionamento agora) . Estes representantes possuem igual quantidade de energia, porém não procura livrar-se dela de maneira abrupta, e sim de maneira controlada pois lembra das exigências da realidade.

Obviamente, o primeiro grupo constitui o sistema inconsciente e possui como característica uma pluralidade de representações de coisa. Ou seja, por ser plural não possuiu uma representação de palavra colada a ela, uma imagem, ou fragmento de. O segundo, logo, vem com o aparecimento da linguagem ao encontro da representação, dando um estatuto de uma idéia fixa.

## **NARCISISMO**

o narcisismo é uma tomada de lugar do eu no lugar de próprio objeto sexual. Mas não é um simples egoísmo e se colocar na frente do outro. É na verdade quando o eu se torna o próprio objeto de amor do eu que ama.

Quando amamos algo, fantasiamos sobre esse objeto e colocamos ideais colados sobre suas existências. Mas este atropelamento ocorre entre o amor pelo outro e a construção da fantasia do outro. O eu empurra o objeto fantasiado e invade este lugar de transição tomando seu trono.

## **A CASTRAÇÃO E O COMPLEXO DE ÉDIPO**

Freud que teorizou acerca do complexo de castração, onde, para ele, no menino existiriam quatro tempos, a saber: o primeiro momento, onde o menino acredita que todo mundo possui um pênis. “*A suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis.*” (FREUD, 1905: 200) . O segundo momento, onde seu pênis é ameaçado pelo pai por causa das práticas auto-eróticas que a criança começa a desenvolver neste momento. O terceiro momento quando o pênis é ameaçado efetivamente pela visão do corpo feminino que não possui pênis, ou seja, o menino passa a realmente temer a ameaça verbal do pai (do tempo anterior), pois ele vê que as meninas não possuem um pênis, e, portanto, que ele pode perdê-lo.

Apesar das evidências, ele constrói (para não se sentir ameaçado), a idéia que, na verdade, as meninas possuem um pênis que é pequenino (o clitóris), mas que vai crescer com o tempo. No quarto tempo, o menino se vê diante da mãe e percebe que ela também é castrada e que seu pênis não cresceu, portanto, que a ameaça é efetiva e é nesse momento que se instaura a angústia de castração (inconsciente). O tempo final é gerado a partir dessa angústia, onde o menino aceita a lei da proibição e prefere optar por seu pênis à parceria sexual de sua mãe. Assim, ele renuncia à mãe e aceita a lei paterna, e, a partir daí, assume a identidade masculina e se separa da mãe para investir em outras mulheres. Ele se identifica com o pai e encerra, concomitantemente, o complexo de castração e o complexo de Édipo.

Na menina, o complexo de castração é diferente: Em seu primeiro momento, ela também crê na universalidade do pênis (o clitóris é, para ela, um pênis). No segundo tempo, ela percebe que o clitóris é pequeno demais para ser um pênis, e, portanto, ela foi castrada. É aí que se dá a inveja do



pênis, pois, enquanto o menino vivia a angústia da ameaça, a menina sabe-se castrada e vivencia a inveja de possuir aquilo que ela viu (e que definitivamente ela não possui). Diz Freud “*Já a garotinha não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas conseqüências.*” (FREUD, 1905: 200). No terceiro tempo, ela percebe que sua mãe também é castrada, porque também não possui um pênis e, então, se insurge cheia de ódio contra a mãe porque conecta esta castração diretamente a ela, e este ódio é incrementado pela “revivência” do ódio primordial, onde a menina já havia sido castrada pela mãe de seu peito. Assim, ela soma estas duas experiências ruins, volta-se contra a mãe, separa-se dela, e, então, escolhe o pai como seu objeto de amor. É a partir daí que haverá três possíveis rumos para a finalização deste complexo de castração na menina (o Tempo Final, segundo Freud), mas todos indicarão a separação da menina de sua mãe, a mudança de seu desejo que passa a ser voltado para o pai (e para outros homens), o fim do complexo de castração e o início do complexo de Édipo. As possibilidades são: ela se recusa a rivalizar com o menino pelo pênis e não fica com inveja do pênis; ela nega o fato de não ser possuidora de um pênis e acredita que isto será modificado, que um dia ela será detentora de um pênis ou; ela reconhece imediatamente e definitivamente a castração (o que Freud acredita ser a opção “normal”) e, ou mudará o parceiro amado e sua mãe cederá lugar a seu pai, ou modificará sua zona erógena ou modificará o objeto de seu desejo e o pênis cederá o lugar a um possível filho.

Relendo Freud e o complexo de Édipo, Lacan modifica alguns termos. Retira o peso biológico de pai e mãe e insere como: função paterna e função materna. A figura materna seria responsável por um investimento amoroso, dando suporte a vida do infante. Mas a criança é muito misturada com a mãe, a ponto de não se reconhecer como sujeito individual pois ele faz parte do desejo da mãe.

A interdição é feita pela figura paterna, pois interdita mãe e filho, retirando-a de uma posição onde a criança é seu centro. Isto faz com que a criança comece a se libertar desta cola com a figura materna e começa a desejar. Esta é a germinação do ser indivíduo.

Sem esta interdição a criança se torna um sujeito alienado, misturado, fora da lei social.

## A CIDADANIA E O NATURALISMO FREUDIANO

Definitivamente a cidadania se tornou um chavão no século XXI. Ela tem sido usada tanto para ações comunitárias de redes de TV, até lógico, o voto e exercício da democracia. Então é importante primeiro, frisar aqui um modelo relevante de cidadania. Um que o grupo vem trabalhando. Este é o modelo Habermasiano de democracia deliberativa. Segundo Isabel Padilha (2008), este seria:

Esse modelo consiste na participação das pessoas de uma comunidade política na tomada de decisão quanto aos princípios que os deverão orientar. Privilegia, portanto, a dimensão cidadã da pessoa, sem excluir as outras duas. O que Habermas propõe é que a dimensão da cidadania seja justamente o elo entre as dimensões individual e cultural. A cidadania, sob essa ótica, traz uma *identidade política* que aglutina diferentes grupos culturais, fornecendo, ainda, um ponto comum de identificação para os indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade. Esse ponto em comum é o que Habermas chama de *patriotismo constitucional*, em contraponto ao nacionalismo. A Constituição, forte elemento da identidade política, deve refletir os interesses dos diferentes grupos e, para fazê-lo, deve ser construída em conjunto por todas as pessoas atingidas pela Constituição (ou ao menos por uma representação verdadeira de todos os grupos atingidos). São os membros da comunidade política que devem decidir, juntos, quais normas e valores serão consideradas válidas para sua comunidade. Essas normas e valores é que devem fazer parte da Constituição. O processo argumentativo de auto-reflexão, discussão e validação dessas normas e valores é o que Habermas denomina de Discurso. O filósofo ainda propõe uma ética do Discurso: um conjunto de regras que precisam ser seguidas por todas as pessoas

envolvidas nesse processo. São regras que, na verdade, já existem socialmente, como pode ser verificado pela reação das pessoas quando uma regra é infringida. É importante ressaltar que a ética do Discurso rege as estruturas da argumentação que levariam seus atores a um possível consenso; mas não impõe nenhuma espécie de conteúdo à argumentação.

Esse processo de Discurso requer, por exemplo, que todas as partes envolvidas estejam verdadeiramente abertas ao diálogo argumentativo de idéias livres de inclinações pessoais e de intenções escusas. Para que as partes envolvidas busquem o estabelecimento de princípios universais, é necessário que haja um consenso entre as pessoas que por eles seriam atingidas.

Os princípios estabelecidos, longe de constituírem uma verdade absoluta e irrefutável, podem ser reformulados em outra ocasião, contanto que se passe novamente pelo processo normativo regido pela ética do Discurso. Se o princípio de universalização [3] dessa teoria requer consenso entre todos os envolvidos, esse consenso se pauta necessariamente na razão, em sua forma de juízo moral e de juízo de valor. Requer, também, uma ação comunicativa que se fundamenta na competência comunicativa [4]. Essa competência universal é adquirida durante o processo de desenvolvimento humano e constitui um instrumento cognitivo e social para argumentar racionalmente e dialogar genuinamente com as diferentes idéias trazidas pelas demais pessoas.

A competência comunicativa é indispensável para o processo de Discurso, por sua vez necessário à tomada de decisão na esfera pública, garantindo a concreticidade da democracia deliberativa. Esse conceito de esfera pública [1] como o espaço onde se desenvolve o Discurso é de grande importância para o pensamento habermasiano. A esfera pública é uma rede para a comunicação e formação da opinião pública; é, pois, o espaço de realização e garantia da cidadania.

E a seguir, enfim pensar na questão: *Esta idéia lúcida de cidadania proposta por Habermas, pode ser explicada pelas idéias naturalistas de Freud?*

E para facilitar a discussão subsequente, recorri a um quadro sistemático incluído em um trabalho de Vanderlei de Barros Rosas(2001) para facilitar o entendimento do ser humano enquanto humano, indivíduo, pessoa e cidadão.

O Ser Humano	O Ser Indivíduo	O Ser Pessoa	O Ser Cidadão
A Dimensão do convívio <u>social</u> .	A dimensão do mercado de trabalho e <u>Consumo</u> .	A Dimensão de encontrar-se no mundo.	A dimensão de intervir na realidade.
O homem tornar-se Ser Humano nas relações de convívio social.	O Ser Humano tornar-se indivíduo quando descobre seu papel e função social.	O Indivíduo torna-se pessoa quanto toma consciência de si mesmo, do outro e do mundo.	A pessoa torna-se cidadão quando intervém na realidade em que vive.
Quem estuda o comportamento do Ser Humano? Seria a antropologia, a história, ou a sociologia?	Quem estuda o comportamento do indivíduo? Seria a Filosofia, a sociologia ou a Psicologia?	Quem estuda o comportamento da pessoa? Seria a Filosofia, a sociologia ou a Psicologia?	Quem estuda o comportamento do cidadão? Seria a Sociologia, a Filosofia ou As ciências políticas?
Quem garante os direitos do Ser Humano? A Declaração Universal do Direitos Humanos.	Quem garante os Direitos do Consumidor? O Código do Consumidor.	Quem garante os Direitos da pessoa? A própria pessoa (amor próprio ou auto-estima).	Quem garante os Direitos do cidadão? (A Constituição e suas leis regulamentares).
Existe realmente uma natureza humana? Teologicamente, afirmamos que existe a uma natureza humana. Seguindo a corrente existencialista (J.P. Sartre) negamos tal natureza.	Que diferença existe entre o direito do consumidor e o direito do cidadão? Ao Consumidor deve ser dado o direito de propriedade enquanto ao cidadão deve ser dado o direito de acesso	O que significa tornar-se pessoa no nível psicológico e social? A pessoa é o indivíduo que toma consciência de si mesmo ("Tomar-se Pessoa" de Karl Roger)	Como podemos intervir na realidade, modificando as estruturas corruptas e injustas? Quando os direitos do cidadão lhe são oferecidos, e o mesmo passa a exercê-lo, há modificação de comportamento.

Para responder de fato a questão, lembrei logo do início da pesquisa. Quando foi visto que o naturalismo freudiano não caminha em direção a razão, e sim às forças inconscientes, seus mecanismos inatos e comportamentos adquiridos. Freud insere variáveis que eram escamoteadas pela razão iluminista.

Por exemplo, em sua segunda tópica quando fala do isso, eu e supereu<sup>8</sup>, Freud percebe como inato, apenas o isso. Neste se encontram representações inatas, próprias da espécie humana,

<sup>8</sup> Isso: conjunto de energias psíquicas que determina os desejos do sujeito .Eu: estrutura onde está todo conhecimento que o indivíduo possui de si e sobre o meio . Supereu: estrutura que se desenvolve a partir do conhecimento mora e valores do indivíduo. Representa a mora dentro do indivíduo.

inscritas e transmitidas filogeneticamente e também representações inconscientes de coisas gravadas no psiquismo sob o impacto do desejo dos outros. O isso se apresenta como o grande reservatório da libido narcísica e objetal, em que o eu e o supereu encontram a sua energia para alimentar suas ações respectivas.

Nesta relação isso eu supereu que enfim achamos a resposta para a pergunta. Enquanto houver o mal estar pelo lado da energia psíquica que é inata, duas forças são constituídas, o eu e o supereu. Aonde houver um outro ser humano, haverá entre eles limites e valores.

A evolução do ser humano para o ser cidadão caminha em processo dialético, de uma esfera “interna” para a esfera pública.

Não são direitos e deveres que fundam o cidadão, direitos e deveres superficialmente o consolida, mas fundamentalmente são a agressividade e a razão que deslocam os limites dos contratos sociais e o germinam. Somente a partir deste processo que os direitos e deveres são elaborados em uma cultura.

Nós estamos acostumados a ver o cidadão pronto, como diz Habermas em uma dimensão entre o individual e a cultura, e não seu nascimento.

A cidadania nasce então naturalmente, a partir das frustrações de cada um. Ela é uma necessidade que surge no amadurecer da psique.

## COMENTÁRIOS E PROLONGAMENTOS

Infelizmente o tempo ainda não permitiu maiores avanços nas conclusões. Muito ainda pode ser feito nesta relação final entre o naturalismo freudiano e a cidadania graças as descrições de Freud como naturalista, sua vasta teoria e o tema “*além do princípio do prazer*” que não foi abordado por enquanto e nem o complexo de Édipo, apesar de descrito.

Infelizmente não continuarei sendo bolsista PIBIC, porém me comprometo a levar adiante a pesquisa de alguma forma para fins de um olhar mais lúcido e possível para o exercício da cidadania.

A relevância desta pesquisa está em uma percepção mais ampla para si numa relação com a Pólis para que, com o auxílio das idéias freudianas, possamos melhor compreender nossos movimentos, vontades e reivindicações.

E no final das contas, diminuir o principal dos três sofrimentos descritos por Freud: o sofrimento que vem das próprias relações humanas.

E que caminhe a evolução...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 SCHULTZ D. P., SCHULTZ S. E. **História da Psicologia Moderna**, 14ª edição, São Paulo, Editora Cultrix, 1981. p. 18.
- 2 SIMANKE, Richard Theisen. **A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas**. *Sci. stud.*, São Paulo, v.7, n.2, Junho 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-31662009000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662009000200004&lng=en&nrm=iso)>. access on 02 Aug. 2010. doi: 10.1590/S1678-31662009000200004
- 3 - Assoun, P. L. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- 4- Habermas, J. **Knowledge and human interest**. London: Heinemann, 1972.
- 5 - Freud, S. **The claims of psychoanalysis to scientific interest**. In: Strachey, J. (Ed.): *Totem and taboo and others works*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis, 1966a [1913]. p. 165-91. (The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud, 13).
- 6 - \_\_\_\_\_ **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- 7- \_\_\_\_\_ **O futuro de uma ilusão o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- 8- \_\_\_\_\_ **Psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- 9 – NASIO, Juan-david. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999
- 10 – FUKS, Betty B. **Freud & a Cultura**, Segunda edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- 11 - FERENCZI, S. (1932). Confusão de língua entre os adultos e as crianças: a linguagem da ternura e a linguagem da paixão. In: *Escritos psicanalíticos: 1909-1933*. Rio de Janeiro, Taurus, s.d. p.347-56.
- 12 - FERENCZI, S. **Escritos psicanalíticos: 1909-1933**. Rio de Janeiro, Taurus, s.d.